

## **O uso dos números no Jornalismo: racionalidades do discurso através das relações de comunicação no mundo do trabalho<sup>1</sup>**

Olívia BULLA<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

Esse artigo pretende mostrar que, no geral, os números são usados para simular um sentido de verdade no texto jornalístico, servindo como argumento para construção da objetividade. Para compreendermos como os números podem sustentar um discurso, consideramos que as rotinas de trabalho e as práticas produtivas permitem ao enunciador usar esse recurso numérico na interpretação dos fatos sociais e na veiculação de notícias. As suspeitas são de que a quantificação da informação constrói a versão que se quer do fato. Para elucidar os conceitos envolvidos no problema de pesquisa, o recorte se dará através de um *corpus*, composto por elementos que detectam o objeto.

**Palavras-chave:** números; discurso; trabalho; jornalismo; comunicação.

### **Introdução**

O mundo do trabalho pode ser definido (FÍGARO, 2010) como o conjunto que engloba e coloca em relação a atividade humana de trabalho, o meio ambiente em que se dá a atividade, as prescrições e as normas que regulam tais relações, além da experiência (saber investido), das técnicas e das tecnologias “que facilitam e dão base para que a atividade humana de trabalho e a sociedade se desenvolvam” (p. 104).

No mundo do trabalho do Jornalismo, Fígaro (2013) lembra que as escolhas que compreendem as rotinas de um jornalista profissional não são só pessoais. Ao contrário, elas envolvem todo o projeto editorial da publicação e das relações da empresa de comunicação com seus anunciantes e, sobretudo, com o público-alvo ou o perfil de leitor que se quer atender.

As transformações que ocorreram e ocorrem na sociedade, diante da incorporação do processo comunicacional no mundo do trabalho, apresentam-se como os desafios que se busca discutir e compreender. O entendimento desses conceitos, e suas relações, permite captar as transformações culturais, refletidas na produção de sentido e na reordenação da representação da realidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, email: [oliviabulla@gmail.com](mailto:oliviabulla@gmail.com).

Através da verificação do mundo do trabalho e das rotinas produtivas do jornalista – pauta, apuração, reportagem e edição – pretende-se ser capaz de apontar por que os números são priorizados no texto, se há uma consciência do uso desse recurso e se a prática cotidiana permite tais reflexões. Portanto, uma abordagem do binômio Comunicação e Trabalho parece ser a mais adequada, para pensar a linguagem e sua aplicação como parte da atividade.

Por ser capaz de articular esses conceitos e relacioná-los à linguagem, é preciso compreender as mudanças e reconfigurações na relação trabalho/linguagem que passaram a fazer parte dos processos produtivos com a evolução dos meios de comunicação. Nossa proposta tem como guia que o uso dos números potencializa o valor da notícia através da quantificação da informação e que o mundo do trabalho naturaliza esse método, por permitir ao emissor da notícia “torturar” os fatos.

Essa hipótese de trabalho está contextualizada no paradigma materialista, que vê a razão como instrumento de apreensão da realidade. Com o objetivo de apreender, empiricamente, a evidência dos números no discurso jornalístico, coletamos o material publicado no jornal *O Estado de S. Paulo (Estadão)* sobre as manifestações sociais contra o aumento da tarifa de transporte público em São Paulo, em junho de 2013, e seus desdobramentos em outras esferas (política, econômica e cultural) no Brasil.

No total, foram coletados 86 registros sobre esse assunto no período de um mês, entre 1º e 30 de junho, sendo que o material é distribuído entre capa, cadernos de política, metrópole e esportes, além dos editoriais. Desses, foram selecionadas 51 publicações, entre manchetes, editoriais e reportagens – algumas com recursos gráficos e visuais. O critério de seleção foi a recorrência no uso do recurso numérico no texto para a construção de um sentido.

A fagulha dos protestos que tomaram as cidades brasileiras em 2013, as chamadas Jornadas de Junho, foi a mobilização contra o aumento da tarifa nos transportes públicos na capital paulista convocada pelo Movimento Passe Livre (MPL) no dia 6 daquele mês. Aparentemente despreziosa, a manifestação liderada por 150 jovens ganhou a manchete dos principais jornais no dia seguinte.

A chamada de capa do *Estadão* no dia 7 é dividida entre uma notícia econômica e aquela que se refere ao protesto ocorrido na noite anterior. No título e no texto, os números são usados como recursos para quantificar a informação, ao citar a presença “*de cerca de mil pessoas*” contra o aumento da passagem “*no horário de pico*”, e qualificar os

personagens da história, dizendo que “*pelo menos 50 pessoas ficaram feridas e 15 foram detidas*”, ao lado de uma foto intitulada “vandalismo” na legenda.

Até aí, percebe-se o papel informativo do argumento numérico. Mas ao analisar a reportagem principal sobre o assunto, publicada no mesmo dia 7, é possível reconhecer e identificar a construção de um discurso, baseado em números.

Por exemplo, o “box numérico” colocado ao final da segunda coluna da matéria, diz que o aumento da passagem de ônibus e de metrô de R\$ 3 para R\$ 3,20 foi de 6,7%, “*menor que a inflação acumulada desde o último reajuste, de 14%*”. Tal informação, aliás, não consta no texto da reportagem e é acompanhada, no box, de outro aumento, referente ao subsídio gasto em 2013 (R\$ 1,25 bilhão), também maior que o de 2012 (R\$ 960 milhões).

Além disso, o protesto levou caos à cidade de São Paulo em pleno horário de pico, o que causou um dos piores índices de congestionamento do ano. “*Às 19h, havia 160 km de lentidão – a média é 138 km*”, comparava o texto. Nota-se também a construção de outros argumentos a partir dos números para sinalizar, conforme aponta o editorial de 8 de junho, que o protesto contra a tarifa não passa de “*Puro Vandalismo*”.

Ficou nítida, naquele dia, qual era a postura d’*O Estado de S. Paulo* sobre as manifestações contra o aumento da tarifa de transporte público na capital. A manchete de 8 de junho trazia em sua chamada principal a lentidão causada pelo protesto no trânsito da cidade. “*Protesto fecha a Marginal e lentidão chega a 226 km*”, dizia. No texto que acompanhou a manchete, fala-se de “*cerca de 5 mil pessoas*” que ajudaram a causar o terceiro pior congestionamento do ano.

Além do caos, a chamada fala ainda do “*prejuízo de R\$ 73 mil*”, provocado pela depredação em quatro estações do metrô. Já no editorial do dia 8, o “*Dia de fúria*”, da véspera, foi lembrado pelos números e as autoridades foram conclamadas. Ao final, utiliza-se de um recurso numérico - a tarifa zero – que, portanto, não permite acordo possível - para condenar a falta de firmeza da Polícia Militar e do prefeito, Fernando Haddad. “*Vai discutir com esse bando de vândalos a tarifa zero?*”, finaliza o editorial.

Nesse escopo do *corpus* analisado, encontra-se a materialidade da construção de sentido no discurso jornalístico através dos números, justificando a proposta de estudo. Considera-se que esse fato social pode ser explicado a partir da busca nas teorias sociais, das influências e do contexto que dão um significado cultural aos números, pois “a sociedade está acostumada a ouvir e repetir que os números não mentem jamais” (PULITI, 2013, p. 27).

Porém, esse consenso, em geral, é equivocado. Questionar essa “sabedoria convencional” com as perguntas corretas tem sido o tema constante do trabalho de Levitt (2007). Para ele, os seres humanos reagem a incentivos e, com os dados certos, os números são capazes de contar a história que faz o mundo parecer menos complicado.

Quando se aprende a examinar os dados de forma correta, é possível explicar enigmas que do contrário pareceriam insolúveis, pois nada como o poder dos números para remover camadas e camadas de desconhecimento e contradições (LEVITT, 2007, p. 14).

Essa percepção insere-se na Economia, ciência que, acima de tudo, é feita para medir. Segundo Levitt (2007), ao saber o que medir e como medir, é possível usar informações privilegiadas em benefício próprio. Porém, a abordagem econômica almeja “deixar que os números falem a verdade. Não favorecendo este ou aquele lado” (Levitt, 2010, p. 15).

Já no Jornalismo, a objetividade é o limite ao qual se tende, mas nunca se alcança. Dentre as ciências sociais aplicadas e os fundamentos gerais da problemática teórica da Comunicação, o modelo de Shannon e Weaver, com a denominada Teoria Matemática da Informação, reflete uma ocupação apenas com a forma das mensagens a serem transmitidas - sem se preocupar com o conteúdo e o significado em si.

Esse paradigma foi dominante por várias décadas. Conforme aponta Rüdiger (2011 *apud* Weaver, 1980), a teoria matemática da comunicação é tão geral que não é preciso estabelecer quais são as espécies de símbolos em jogo – sejam elas letras ou palavras escritas, faladas, notas musicais, música sinfônica, pinturas e, por que não, os números. Essa vertente atende, portanto, a que considera os números como um recurso poderoso, capaz de fortalecer um discurso.

Porém, atualmente prevalece uma crítica ao modelo informacional. Sob a perspectiva de Martín-Barbero, predomina o entendimento que o campo de estudos da comunicação não pode ser compreendido como um mero campo de circulação de mensagens. “A comunicação é um processo dialógico e interativo, enquanto a informação, sim, seria um processo unidirecional e instrumental, em que o comunicador controla o receptor” (RÜDIGER, 2011, p. 27).

Se a teoria matemática atende à abordagem informacional, no âmbito filosófico, Nietzsche (1973) lembra que para os chamados pitagóricos, “o número é a essência própria das coisas” (p. 61). Segundo o filósofo, a música é o melhor exemplo do que queriam dizer os pitagóricos, pois, como tal, ela é composta somente de relações numéricas quanto ao

ritmo e à tonalidade. Nesse sentido, “poder-se-ia exprimir o ser do universo (...) exclusivamente com o auxílio de números” (p. 62).

É exatamente a fim de identificar essa “aura de plausibilidade” conferida aos números para a construção de sentido que foram selecionadas as matérias referentes às manifestações sociais contra o aumento da tarifa de transporte público em São Paulo. Esse *corpus*, combinado com a observação das rotinas produtivas dos jornalistas, permitirá entender como o produto jornalístico derivado dos números é tratado e como se dão as decisões que marcam o valor do número e sua representatividade no fato noticioso, fazendo com que o receptor “engula inverdades”.

Insiste-se, aqui, que nos aspectos constitutivos do saber/fazer humano frente aos discursos que circulam na sociedade e às interações que se dão entre os sujeitos históricos. Essa história está ligada às relações de poder e de sentidos – e não, necessariamente, ao tempo cronológico.

Para pensar a linguagem e sua aplicação como parte da atividade, propôs-se a construção de um roteiro de entrevistas, que serão feitas com os autores que mais se repetem entre os que fizeram as reportagens referentes às Jornadas de Junho de 2013. Nesse método, ao contrário do questionário, haverá um contato direto entre o pesquisador e os interlocutores, exprimindo as ideias e trazendo elementos da investigação.

Parte-se do pressuposto de que há diversos modos de se dizer e, conseqüentemente, diversas formas de se interpretar o que é dito, permitindo com que os números ganhem a aparência de fatos e sejam aceitos sem questionamento. A percepção é de que há uma conexão convincente, pois o número parece preciso e oficial, havendo uma predisposição em aceitá-lo.

Trata-se de uma reconstrução da tese de que a sociedade é constituída simbolicamente e as pessoas, portanto, se relacionam através de símbolos. Nesse sentido, a comunicação é um processo em que a estrutura simbólica é mediada pelo próprio contexto social, pressupondo um consenso. Mas, como lembram Marx, Engels (2010), “as ideias da classe dominante são as ideias dominantes” (p. 113) e a comunicação se vê acorrentada à ordem social reinante.

Dessa forma, considera-se que os números servem para embasar o discurso dominante, da mídia. O objetivo da pesquisa é discutir como os números, por exemplo, das reportagens referentes ao tema escolhido, são usados como argumento de objetividade, simulando um sentido de verdade e “torturando” os fatos.

Pretende-se, com isso, compreender as transformações e reconfigurações na relação trabalho/linguagem acionadas pela atividade de cobertura jornalística limitada pela ótica editorial do jornal *Estadão*. Somado a isso, está a análise de discurso aplicada à leitura do *corpus*, confrontando o material obtido com as entrevistas e a seleção das matérias, de modo a observar a função reguladora dos discursos na vida social.

Para tanto, as reflexões serão embasadas na Análise de Discurso (AD) francesa, cujo conceito, segundo Michel Pêcheux pode ser definido como o estudo das condições de produção de um enunciado. É, portanto, uma análise de como os elementos linguísticos e extralinguísticos (históricos, sociais, culturais, ideológicos) se relacionam para a produção de sentido.

Concomitante a essa linha, está um conjunto de obras que compõe o pensamento bakhtiniano, fundamental como ferramenta teórico-metodológica nos estudos da linguagem e da análise do discurso. O que une essas perspectivas, em nossa visão, é a concepção que elas têm sobre o sujeito, pois se trata de um sujeito que atua no mundo social, dentro de um contexto social e histórico.

Para Mikhail Bakhtin, a historicidade de um discurso se constitui de uma rede de outros discursos, desenvolvendo os conceitos de dialogismo e polifonia. A visão bakhtiniana trata, como lembra Brait (*In Fígaro, 2012, p. 84*), de uma “concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiada nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados”.

Orlandi (2008) lembra que não há história sem discurso e “a história, para quem analisa discursos, não são os textos em si, mas a discursividade” (p. 23).

A análise de discurso – que se propõe uma relação conflituosa com os sentidos – procura desatar os sentidos contidos. É aí que incide nossa prática e é assim que entendemos a historicidade do texto, na discursividade (ORLANDI, 2008, p. 28).

Em uma análise mais profunda, Brandão (*In Fígaro, 2012*) se debruça sobre a interdiscursividade, ou seja, tudo que interfere no discurso vindo de fora da linguagem e que proporciona uma melhor compreensão das subjetividades. Não somente a gramática constitui o discurso, mas há também aspectos extralinguísticos.

O interior linguístico está sempre permeado por condições exteriores. Há que se considerar a não-literalidade das palavras, sua polissemia e ambiguidade. O sentido da palavra se forma ao se levar em conta seu contexto histórico, o sujeito histórico produtor da linguagem e sua interação com outro sujeito (Brandão *In Fígaro, 2012, p. 38*).

A gramática da língua, o fonema, a palavra ou a frase, são o que Brandão chama de aspectos linguísticos; o que interfere vindo de fora para dentro da linguagem são os aspectos extralinguísticos, capazes de condicionar sua produção. O objeto do trabalho discursivo não é apenas a frase, mas o enunciado concreto que o compõe. Bakhtin enfatiza um caráter social na enunciação, que é o produto da interação de dois indivíduos.

A partir dessa relação entre um e outro, a hipótese dessa pesquisa é de que o jornalista usa os números no texto para sustentar um discurso e a criação dessas “fachadas numéricas” não dá a importância devida aos fundamentos reais que esse recurso tem a mostrar. Por parecerem convincentes, os números podem ser um instrumento poderoso para apoiar um argumento e convencer o receptor, intimidando-o. Desse modo, a imprensa tende a procurar elementos que reforcem sua crença, amplificando um fato fabricado.

Sob a perspectiva de um não matemático, os números só são interessantes quando dão informações sobre o mundo. Esse significado é criado através de elementos cruciais, como contextualização dos dados e uma aparente comparação entre pares, pois se considera que todo número com significado no mundo real está relacionado, ao menos implicitamente, a algum tipo de medição.

Assim, os números tornam-se capazes de despertar o interesse do cidadão. Mas ao transmitir uma informação baseada em números, a notícia se afasta do seu papel de interpretação da realidade, o que dificulta a reflexão dos fatos sociais pelo receptor, em função de um discurso ideológico.

Orlandi (2008) lembra que na origem da análise de discurso francesa, tal como é pensada por Pêcheux, “está a relação da linguagem com a ideologia” (p. 32). “Assim é que a própria noção de ideologia é outra na análise de discurso. A noção de história é outra. A noção de sujeito é outra” (p. 35), porque só se define pelo seu caráter constituído da linguagem.

A autora explica que o que a análise de discurso faz é explicitar o funcionamento do discurso pela ideologia, entendida como a *interpretação* do sentido (em uma direção) em relação ao *excesso*. “A análise de discurso procura ver o sentido como o *possível* (não-preenchido), sendo assim uma abordagem crítica da ideologia” (*ibid*, p. 44).

Ou seja, há a tentativa de se ler politicamente os conteúdos e significações. Esse processo acontece na esfera cultural e surge com a socialização dos homens, mediante a articulação de sentidos. Nessa disputa de poder, os números são como símbolo comunicacional para construir uma objetividade e manter a batalha sob controle.

## 1.2 Palavras e Números

A história do desenvolvimento humano relata que o surgimento de um tipo de comunicação se deu no período em que o homínido tornou-se caçador. Ao ter a possibilidade de utilização das mãos, livres para a caça e a coleta, o homem potencializou o desenvolvimento do cérebro e, conseqüentemente, a necessidade de contar.

Essa capacidade de contar não se restringe apenas à transformação da boca, como parte do processo que fez do homem um ser capaz de emitir sons e relatar e narrar, mas também é uma habilidade relacionada ao papel desempenhado pela mão no aprendizado de fazer contas, efetuar a contagem pelos dedos e calcular.

Asimov (1989) afirma que, no começo da história da humanidade, os dedos e os números eram praticamente idênticos. A origem dos números, por sua vez, está no cálculo. Mas, conforme afirma Ifrah (1997), entre a linguagem, a escrita e a aritmética, esta última foi a que exigiu mais tempo e esforço da humanidade para ser assimilada. Perguntas como “de onde vêm os algarismos?”, “quem inventou o número zero?”, “quando e como os números foram criados?”, ainda hoje são nutridas da curiosidade.

Imenes (1990) explica que a origem dos números perde-se no tempo, “numa época em que ainda não existia a linguagem escrita” (p.7). Nesse período, lembra o autor, a necessidade de contar era pequena, assim como também era a presença dos números nas vidas das pessoas. Asimov (1989) afirma que a necessidade de contar veio com a necessidade de mais padrões - e o ser humano é muito bom em criar padrões.

Entre os exemplos, estariam a criação de animais, a agricultura, a construção de casas e o comércio rudimentar, que trouxeram novas formas de vida e, consigo, a necessidade de contagem. “É daí que vêm os números”, explica Imenes (1990, p. 12). Segundo o autor, as primeiras contagens foram realizadas pelos pastores, usando “pedrinhas no monte”, para controlar o rebanho.

Entre as evidências que os historiadores apontam para a versão da origem da contagem por meio de “pedrinhas” está a linguagem. “A palavra cálculo originou-se da palavra latina *calculus*, que significa ‘pedrinha’. Essa deve ser a origem da palavra calcular: contar com pedrinhas” (*ibid*, p. 15). Ainda hoje, diz-se que está com cálculo renal, isto é, pedra no rim.

Portanto, a agricultura e o pastoreio modificaram profundamente a vida dos homens, dando origem às primeiras aldeias que, lentamente, transformaram-se nas primeiras cidades, abrigando as primeiras grandes civilizações. Outra característica comum a estas sociedades

é que todas desenvolveram uma linguagem escrita e também desenvolveram diferentes maneiras de representar quantidades e de escrever os números.

Com a intensificação do comércio, da navegação, da vida urbana, a necessidade de escrever os números e calcular com eles de forma mais simples e rápida tornou-se maior. A criação do sistema numérico indo-arábico, usado hoje praticamente no mundo todo, foi resultado de um grande esforço que envolveu muitas civilizações, durante séculos.

Segundo Asimov (1989), foi somente no nono século depois de Cristo, que um hindu anônimo criou, pela primeira vez, o sistema moderno. Essa descoberta chegou até os árabes e, por eles, foi transmitida aos europeus, “de modo que chamamos os números modernos de arábicos” (p. 16).

O sistema numérico, portanto, é fruto da cultura de muitos povos e representa signos que carregam uma informação. Dudley (1997) observa que os números podem servir para muito mais do que simplesmente contar e medir. “Para algumas pessoas os números têm um significado, têm uma essência (*inwardnesses*) (...). Os números têm poderes extraordinários” (*ibid.*, p. 1).

Os números têm poder, mas não podem controlar a informação transmitida através desse recurso. Esse dado, por sua vez, tem um significado, que leva em conta não apenas a facilidade para representar quantidades, mas de criar sentido e ser compreendido socialmente, dialogando com outros signos, como a língua.

A ciência que estuda os signos chama-se Semiologia, palavra que vem do grego *semion*, que, por sua vez, equivale a signo. A Linguística é a parte da Semiologia que estuda a linguagem verbal humana. Segundo Ferdinand de Saussure (1857-1913), signo funciona como um guardador de lugar, de cada ideia, dentro da língua.

Para o estudo do discurso da mídia, esses dois conceitos são importantes. A língua é um sistema organizado de signos que exprime ideias, enquanto a linguagem não desempenha apenas o meio de comunicação entre os homens, ela é também um meio, uma forma da consciência e do pensamento humanos.

Mas o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; (...) A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação (SAUSSURE, 2006, p. 17).

A língua é, portanto, um sistema de signos que exprimem ideias. A Linguística é uma parte dessa ciência geral que estuda a vida dos signos no seio da vida social e a tarefa é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos. Dizia Saussure que, sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias.

Portanto, o valor do signo é dado por outro signo, é sempre interpretável por outro signo. Fiorin (2007) explica que os signos são, assim, uma forma de apreender a realidade, sem, de fato, sê-la. “Só percebemos no mundo o que nossa língua nomeia” (*ibid*, p. 55). O autor explica que a língua não é um sistema de “mostração” de objetos, pois a linguagem humana pode falar de objetos presentes ou ausentes da situação de comunicação.

Nessa atividade simbólica, as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizando o mundo. O mesmo vale para os números, nos quais o significado é composto por traços funcionais e qualificacionais.

Santos (2000) explica que para termos a vivência desse pensamento, é preciso despojar-se da concepção superficial de que o número é apenas aquilo que se aponta no quantitativo. Além desse, o número aponta o qualitativo, o relacional, a modalidade, valores e outras categorias, revelando-as.

A origem dos números enquanto coisas sobre as quais se pode falar foi na Grécia Antiga, com Pitágoras e os “pitagóricos”, no século 6 a.C.. “Antes disso, os números eram apenas números, coisas para se contar com” (DUDLEY, 1997, p. 1). Na essência, para Platão, citando Pitágoras, “tudo é número”, ou seja, todas as coisas são construídas pelos números e, por sua vez, copiam os números.

Assim como um signo, que é a união de um conceito e uma imagem acústica, o número nasce de dois fatores opostos. Conforme aponta Nietzsche (1973), “o ponto de partida que permite afirmar que tudo o que é qualitativo é quantitativo encontra-se na acústica” (*ibid*, p. 62). Trata-se de encontrar uma significação do simbolismo dos números através do elemento harmônico ou rítmico.

Já Saussure dizia que o signo linguístico não une um nome a uma coisa, mas um conceito (*significado*) a uma imagem acústica (*significante*). Ou seja, “o signo não é um conjunto de sons, cujo significado são as coisas do mundo” (FIORIN, 2007, p. 58).

Nesse sentido, o significado não é a realidade que ele designa, mas a sua representação. Já o significante é o veículo do significado, que é o que se entende quando se usa o signo.

“Um signo é o que os outros não são” (FIORIN, 2007, p. 58). O que existe na língua é, então, a produção e a interpretação de diferenças. Assim, as frases são signos, os textos são signos e qualquer produção humana dotada de sentido, como os números, é um signo. Esses signos são produzidos para fins de comunicação.

Peter (2007) lembra que a linguagem, por sua vez, é orientada pela visão de mundo e é a matéria do pensamento. Para ela, a linguagem se funda na razão, é a imagem do pensamento e que, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que ocorre em sociedade, para ser comunicado.

O pensamento funciona, assim, como uma força estruturante da língua. “A língua é para Saussure ‘um sistema de signos’ – um conjunto de unidade que se relaciona organizadamente dentro de um todo” (PETER, 2007, p. 14). A autora lembra que a teoria da análise linguística que se desenvolveu como herdeira das ideias de Saussure foi a denominada Estruturalismo.

Porém, conforme já salientado, essa pesquisa se afasta do modelo formulado por Roman Jakobson (1896-1982) que utiliza o termo “estrutura” e diz que a língua só reconhece sua própria ordem, de modo que a linguagem só tem a ver consigo mesma. Esse esquema articula-se com a Teoria da Informação, sistematizando as regras de funcionamento da linguagem, por recorrência ou redundância. “Encerrada no texto, a linguística estrutural reduzia o contexto ao código” (MATTELART E MATTELART, 1999, p. 101).

Portanto, é na prática da pesquisa, na relação sintomática que existe entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia, que se buscará entender como o jornalista usa os números no texto para sustentar um discurso. Esse esforço de análise traz a alegação de que o Jornalismo não se limita à veiculação de notícias no sentido estrito da palavra, pois leva em conta o discurso que envolve sua materialidade, a condição simbólica das ideologias envolvidas nessa prática e os elementos sensíveis que garantem uma proximidade entre os coenunciadores.

Entre os fenômenos comunicacionais da sociedade atual, essa pesquisa propôs-se em analisar como o produto jornalístico derivado dos números é transformado em um fato noticioso baseado em argumentos de objetividade. Considera-se, assim, o uso dos números para a construção de sentido no discurso como “um fato social em si, e que pode também ser explicado sociologicamente” (ABRAMO *In SEDI apud* LOPES, 2010, p. 138).

Sob essa égide, Lopes (2010) lembra que é a complexidade do objeto de estudo nas Ciências Sociais que instaura a diversidade de paradigmas científicos que, por sua vez, constituem os pressupostos verdadeiros da pesquisa e implicam um processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação em um espaço sistêmico.

Mas é preciso ainda situar a pesquisa em Comunicação “como um campo de estudo que progressivamente se autonomiza dentro da grande área de conhecimento que são as Ciências Sociais e Humanas” (LOPES, 2010, p. 13).

Nesse sentido, o debate acerca da construção do campo de estudos comunicacionais possui uma série de intercorrências envolvendo variáveis teóricas, de pesquisa e de encaminhamentos metodológicos. Através da verificação do tratamento do produto jornalístico nos processos de trabalho e dos critérios de noticiabilidade, busca-se compreender como as rotinas e as práticas produtivas dos jornalistas permitem usar os números como objetivação da objetividade.

Parte-se, portanto, de uma concepção materialista da comunicação, cujo conceito não fora problematizado na época, mas tem Marx e Engels como seu principal pilar. Rüdiger (2011) explica que conforme essa perspectiva, a Comunicação deve ser estudada, em essência, “como processo de generalização simbólica da práxis humana, enquanto mediação mais ou menos universal do modo de produção” (p. 77). Dessa forma, a sociedade é resultado do processo de transformação da natureza pelo homem.

O materialismo permite afirmar a tese de que a Comunicação é uma categoria abstrata, inserida em um contexto social, determinado pelo modo de produção dominante na sociedade. O trabalho é, pois, o fator responsável pela socialização dos seres humanos e a criação das bases materiais de seu modo de vida.

O trabalho possibilita a formação da consciência (...) e esta se expressa necessariamente na linguagem (...). A linguagem, porém, não é senão a condensação simbólica da práxis humana que possibilita a comunicação (RÜDDIGER, 2011, p. 78).

Em outras palavras, o trabalho constitui a capacidade criadora do próprio ser. O homem, para Marx, não se diferencia dos animais só pelo manejo de símbolos, mas antes pelo fato de produzir meios de subsistência, criar e transformar as condições materiais de vida.

E, precisamente neste momento, surge a comunicação. Para Fígaro (2008), “a comunicação é uma conquista da espécie humana, efetivada pela condição do homem de sobrepor-se, por meio de sua atividade de trabalho, às infidelidades da natureza” (p.123).

Citando Leontiev, a autora afirma que “linguagem e trabalho estão ligados desde a origem à atividade produtiva, à comunicação material dos homens” (*ibid*, p. 124). Em outro texto, Fígaro (2009) lembra que as correntes teóricas sobre a comunicação que apareceram ao longo do século XX, das quais saíram diferentes tendências, “desenvolveram suas análises tendo como pano de fundo as mudanças trazidas pela introdução de novas tecnologias na produção de bens materiais e culturais” (p. 27-28).

Portanto, explica a autora, as mudanças do mundo do trabalho industrial, da vida urbana e a origem da sociedade industrial embasaram as propostas teóricas sobre a Comunicação ao longo do seu desenvolvimento.

A organização científica do trabalho, os métodos de medição do ritmo de execução de tarefas e da capacidade de produção do operário, introduzidos por F. Taylor e, adaptados por H. Ford, na primeira metade do século XX, tinham como finalidades a eficácia do fluxo e da transmissão na linha de produção. Ponto de vista também presente nas análises de Comunicação (FÍGARO, 2009, p. 28).

Ainda segundo Fígaro (2009), a semelhança entre o pressuposto taylorista sobre o trabalho e as Teorias de Comunicação vem de conceitos sobre o sujeito. Segundo a tradição clássica, lembra a autora, tanto na linha de produção quanto no fluxo de informação, o indivíduo não é prioritário. Foi a partir da concepção da cultura como espírito formador que o sujeito foi destacado como produtor de sentido.

Essa corrente de pensamento influenciou a abordagem latino-americana da comunicação, dando relevância às pesquisas de recepção e ao conceito das mediações culturais. “Essa abordagem desloca o interesse dos estudos da comunicação (...) e das mensagens, para tratar das mediações, ou seja, o sujeito e seu meio cultural e social” (*ibid*, p. 31).

Martín-Barbero ressalta o esforço contínuo necessário para desentranhar a cada dia a mais complexa trama de mediações que articula a relação comunicação/cultura/política. “O que busco é reconhecer que os meios constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural (...)” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 11).

Parte-se, então, da concepção que diz que “os meios de comunicação são, eles mesmos, meios de produção” (WILLIAMS, 2011, p. 69) e baseia-se na abordagem de Marx, de uma compreensão da história a partir do desenvolvimento dos meios de produção e a constituição do sujeito. Entende-se, com isso, que a comunicação surgiu em meio a essas transformações, sendo a principal mediação do processo de produção.

Sob essa ótica, Rüdiger (2011) explica que a produção e o trabalho são os fatores de desenvolvimento da comunicação, da linguagem e da consciência. Segundo ele, os processos de mediação simbólica da realidade são vistos como elementos que são condicionados pelo modo de produção imperante na sociedade. “O trabalho representa, portanto, o fundamento da interação simbólica. A comunicação, em última instância, é a mediação primária do trabalho” (*ibid*, 2011, p. 80).

A Comunicação, contudo, não se restringe aos contextos de trabalho. Segundo Rüdiger (2011), o conhecimento humano provém da práxis e é obtido através da interação social concreta. A linguagem, nesse sentido, é um produto da prática social. Ela é o sistema de signos, que depende da interação sociosemiótica do movimento da comunicação.

É sob essa perspectiva da linguagem - que considera as funções externas ao sistema responsáveis pela organização interna do sistema linguístico e parte central dos estudos linguístico-discursivos - que se pretende analisar como os números servem de argumentos de objetivação e, ao mesmo tempo, comunicam a ideologia.

Nesse protagonismo do sujeito, a linguagem não é transparente, pois abriga vários sentidos, conota valores iguais, parecidos, diferentes ou opostos. Mikhail Bakhtin (1895-1975) avalia que a comunicação representa a condição de possibilidade da interação social e enfatiza o caráter social dessa relação. Para ele, “a linguagem é uma criação coletiva em que se condensam simbolicamente suas relações de produção, em que se materializam as formas de consciência socializadas pela comunicação” (RÜDIGER, 2011, p. 85).

Segundo Bakhtin, cada discurso é composto por muitos fios ideológicos, mas um discurso enunciado não é um trabalho pronto, acabado. Os discursos são sinais através dos quais percebemos traços ideológicos, mas eles podem ser redundantes, diferentes e até mesmo contraditórios. A isso, chama-se heterogeneidade, que é a interação entre uma formação discursiva e outras. São vários discursos ora em conflito, ora em aliança.

O palco de todas estas disputas é a linguagem. A palavra, segundo Bakhtin, é o primeiro meio da consciência individual e a ideologia é o significado que está fora do objeto, além dele. Para o autor, tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. “Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN-VOLOSHINOV, 1988, p. 31).

Assim, o meio de comunicação constitui um estágio avançado do signo (a palavra) e necessita também de um significado – isto é, generalização. O poder da linguagem

construída pelos números, por exemplo, dá ao homem a capacidade de ordenar o mundo, categorizando-o e criando universos de sentido e modos de interpretar o mundo.

## REFERÊNCIAS

- ASIMOV, Isaac. **No mundo dos números**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOSHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.
- BRAIT, Beth. “Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico”. In: FÍGARO, R. **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: 2012.
- BRANDÃO, Helena N. “Enunciação e construção de sentido”. In: FÍGARO, R. **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: 2012.
- DUDLEY, Underwood. **Numerology or what Pythagoras wrought**. EUA: The Mathematical Association of America, 1997.
- FIGARO, Roseli (org.). **As Mudanças no Mundo do Trabalho do Jornalista**. São Paulo: Salta, 2013.
- \_\_\_\_\_. “Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sócio-técnica”. **Revista USP**, n 86, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Comunicação e Trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. Mediaciones Sociales”. **Revista de Ciências Sociales y de La Comunicación**, nº 4, primeiro semestre de 2009.
- \_\_\_\_\_. “Atividade de Comunicação e trabalho”. **Revista Trabalho, Educação Saúde**. Fiocruz, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2008.
- FIORIN, J. Luiz. “Teoria dos Signos”. In: FIORIN, J. Luis (org.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2007.
- IFRAH, Georges. **História Universal dos Algarismos**, volume I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- IMENES, Luiz Márcio. **Os números na história da civilização**. Coleção Vivendo a Matemática. São Paulo: Editora Scipione, 1990.
- \_\_\_\_\_. “Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sócio-técnica”. **Revista USP**, n 86, 2010.
- LEVITT, Steven. DUBNER, Stephen. **Freakonomics: o lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Superfreakonomics: o lado oculto do dia a dia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 11ª Ed, 2010.
- MARX, K., ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura**. Textos escolhidos. São Paulo: Expressão popular, 2010.
- MARTIN-BARBERO, J. “Pistas para entre-ver meios e mediações”. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2003.
- MATTERLART, Armand; MATTELART, Michèlle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. “Crítica Moderna”. **Os pré-socráticos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ORLANDI, Eni. **Terra à vista – Discurso do confronto: velho e novo mundo**. 2ª edição. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.
- PETER, Margarida. “Linguagem, língua, linguística”. In: FIORIN, J. Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PULITI, Paula. **O juro da notícia**. Florianópolis: Insular, 2013.
- RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- SANTOS, Mário Ferreira dos. **Pitágoras e o tema do número**. São Paulo: IBRASA, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral** (org.). São Paulo: Cultrix, 2006.
- WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. [1980] São Paulo: EdUnesp, 2011.